

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Símbolo e Linguagem do Divino na Perspectiva da Teologia da Mulher

Symbol and Language of the Divine from the Perspective of Women's Theology

Deise Bastos ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola de Educação e Humanidades

Como citar: BASTOS, Deise. Símbolo e Linguagem do Divino na Perspectiva da Teologia da Mulher.

Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 9, n.2, p. 24-37, jul./dez, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.02.p24-37>

Resumo

A linguagem e a simbologia masculinas dominam nossos altares e púlpitos, evidenciando uma supervalorização do divino masculino. Tanto as imagens quanto a linguagem teológica refletem, em grande parte, as experiências exclusivas dos homens – que, historicamente, dominaram o sistema patriarcal, relegando a outra parte da humanidade ao esquecimento. Este trabalho busca refletir sobre o símbolo e a linguagem masculinizada presente na doutrina Trinitária sob a perspectiva feminina. Surge, então, a pergunta: Afinal, Deus tem sexo? Por mais singela que pareça, essa questão envolve uma série de fatores que necessitam ser incorporados e analisados para que se possa alcançar uma resposta satisfatória. O método do estudo baseia-se na análise qualitativa da bibliografia colhida em publicações disponíveis que tratam do tema proposto. O presente artigo tem como objetivo identificar, no discurso teológico, uma reflexão sobre a realidade feminina a partir da masculinidade atribuída a Deus. Em síntese, a análise realizada constatou que, até os dias de hoje, as mulheres permanecem fiéis reproduutoras de

^[a]E-mail: deiserbbastos@gmail.com

uma religião de cunho patriarcal, em que o sexo masculino exerce o poder. Portanto, conclui-se que a função de procriar e a amabilidade das mulheres não esgotam suas capacidades.

Palavras-chave: Teologia feminista. Mulher. Religião. Igreja Católica.

Abstract

Masculine language and symbolism dominate our altars and pulpits, highlighting an overvaluation of the divine masculine. Both images and theological language largely reflect the exclusive experiences of men, who have historically dominated the patriarchal system, relegating the rest of humanity to oblivion. This work seeks to reflect on the masculine symbol and language present in Trinitarian doctrine from a female perspective. Thus, the question arises: After all, does God have a gender? As simple as it may seem, this question involves a series of factors that need to be incorporated and analyzed to reach a satisfactory answer. The study's method is based on the qualitative analysis of the bibliography collected from available publications that address the proposed theme. This article aims to identify, in theological discourse, a reflection on female reality from the masculinity attributed to God. In summary, the analysis found that, to this day, women remain faithful reproducers of a patriarchal religion, in which men exercise power. However, it is concluded that the role of procreating and the kindness of women do not exhaust their capabilities.

Keywords: Feminist theology. Woman. Religion. Catholic Church.

Introdução

A trajetória das mulheres na Igreja e na sociedade é marcada por uma série de desafios e limitações decorrentes de uma história permeada por um discurso misógino, patriarcal e machista. Ao longo do tempo, as mulheres foram ignoradas, marginalizadas ou reduzidas a alguns clichês pejorativos. Ainda hoje, elas enfrentam um mundo misógino, no qual sua voz é silenciada e seus direitos são frequentemente violados.

Gradualmente, as mulheres compreenderam que a justificação da dominação masculina sobre elas era possível porque a cultura patriarcal tinha como justificadora suprema a figura masculina celestial – Deus-Homem, Pai, Senhor, Todo Poderoso – que preside a sociedade hierárquica, mantendo a ordem universal e a ordem social. Assim, o cristianismo outorgou aos homens o monopólio da representação divina, existindo apenas o Pai Criador, ou seja, a história do cristianismo é marcada por uma teologia elaborada por homens que desconfigurou a representação de Deus e desequilibrou as relações humanas, uma vez que sempre partiu de uma linguagem do gênero masculino.

Na década de 1960, muitas mulheres, em diversas partes do mundo, influenciadas pelo feminismo, passaram a perceber com mais clareza as relações entre a representação simbólica histórica e masculina de Deus e a opressão das mulheres, pode-se dizer que houve um ‘acordar’ da consciência da mulher. Diante desse contexto, o problema que se coloca nesta pesquisa é: a linguagem teológica reflete, em grande parte, as experiências exclusivas do sexo masculino, homens que historicamente dominaram o sistema patriarcal. Portanto, a cultura monoteísta impõe o homem como figura onipotente. Consequentemente, a comunidade cristã refere-se a Deus de acordo com o modelo oferecido pelo ser humano do sexo masculino que exerce o poder. Essa forma de expressar-se – a linguagem e a simbologia do divino masculino – é uma expressão pública do poder do homem.

A abordagem deste tema é relevante porque reflete sobre a questão da linguagem e da simbologia das mulheres na Igreja, visto que é preciso incluí-las, dar cor à invisibilidade, rostos e voz em tons de igualdade com os homens. Ademais, a linguagem é importante para a compreensão do divino e de nós mesmos. Ela configura nosso mundo e organiza nossa realidade.

Com efeito, a mulher busca uma linguagem, um espaço onde possa expressar sua essência e sua natureza. “O Vaticano tem construído um conceito ideal e essencialista de mulher que reproduz teorias universalistas e abstratas do dualismo e da complementaridade dos gêneros” (Fiorenza, 1996, p. 283). Essa visão restritiva limita a participação plena das mulheres e perpetua um modelo de subordinação que contraria a dignidade humana. “A teologia cristã da libertação feminina é a reflexão sobre o mistério

religioso a partir de uma posição que faz uma opção a priori para a promoção humana da mulher” (Johnson, 1995, p. 37).

Esta produção inclui-se na perspectiva da teologia feminista como uma possibilidade de buscar reconhecimento da presença e diaconia da dignidade mulher, na família, na comunidade cristã e na sociedade, a partir de uma leitura dos capítulos 1 e 2 de Gênesis, pois não somos um ser pronto, mas um ser em construção. A metodologia adotada foi uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, documentos da Igreja e na Bíblia Sagrada.

Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão sobre o símbolo e a linguagem masculinizada presente na doutrina Trinitária sob a perspectiva feminina.

1. Repensar o “eu”, o “nós” e o “mundo”

Deus “criou tudo para ser bom, também criou o homem e a mulher para cuidar do mundo” (Gênesis 1:27-28). Deus não criou as mulheres para disputar com os homens, e não fez os homens para dominar as mulheres. Ele deu subsistência a cada um com um propósito diferente, para que ambos se juntassem e juntos, homem e mulher, se tornassem uma só carne, formando a família. Só depois de criar o homem e a mulher, confiou-lhes o cuidado de sua obra prima e descansou (Gn 1,28). E Deus os abençoou: “Sejam fecundos, multipliquem-se, enchem a terra e a submetam” (Pastoral, 2014, p. 22). Encontramos aqui verdades antropológicas fundamentais do gênero humano, chamado à existência, ambos criados à imagem de Deus. “O Criador confia o domínio da terra a todos os homens e todas as mulheres que haurem a sua dignidade e vocação do princípio comum” (cf. Paulo II, 15/08/1988).

Em seu tempo e espaço, a história revela a verdade e a conduta das pessoas, permitindo a pluralidade de fatos em um mundo de contínua transformação, com promessas de trazer o futuro para o presente. A sociedade é pluricultural e, com o fenômeno da globalização, uma enxurrada de informações sobre nós mesmos emerge continuamente, ultrapassando nossa capacidade de assimilação. Os antigos discursos sobre nossa identidade já não nos comportam mais, e voltamos a nos questionar: quem somos? O ser humano está em constante busca de sentido para a vida, de respostas instantâneas, de soluções rápidas para problemas de sofrimento. Atormentado por uma forte crise de individualismo, precisa sair de ‘si’ mesmo e escolher um caminho.

A necessidade de sobrevivência leva a pessoa a tecer relações de amizade, amor e valores, a construir família, grupos e comunidades, pois não há mais distâncias geográficas nas fronteiras do coração. A pessoa emerge, rompe, caminha e dissolve-se, integrando-se a outras formas sociais visíveis. Portanto, há um acolhimento da vida humana, tanto individual quanto social, que se desenrola em meio

a relações conflitivas, amorosas, justas, injustas, opressoras e libertadoras na complexa tapeçaria da vida. Nessa intrincada mistura, todas as pessoas, mesmo aquelas que negam e excluem, fazem parte da dinâmica da história. Desta forma, cada pessoa possui seu modo de se ajustar na sociedade.

No entanto, isso não significa ignorar as formas de violência surgidas a partir dos grupos sociais que, muitas vezes, geram novas vivências. Não podemos simplesmente desconsiderar a violências e outras experiências frequentemente consideradas fúteis ou superficiais, que parecem indicar um novo estilo e sinalizar o fim de determinadas visões e formas de viver. Há um desequilíbrio de representação em todos os campos: na família, na comunidade eclesial, na sociedade. Nessa perspectiva, o relacionamento entre gêneros pode ser fraterno ou violento.

Atualmente, diversos grupos que compartilham os mesmos males de vozes silenciadas, como as feministas, organizam-se para buscar reconhecimento na sociedade. Não somos um ser pronto, mas sim um ser em construção, um vir-a-se¹. Portanto, não estamos confinados em nós mesmos, mas é necessário que nos expandamos integralmente no processo de vir-a-se. A partir dessa complexa realidade, delineia-se o renovado esforço de refletir sobre as perguntas, dúvidas e perplexidade relacionadas ao ‘eu’, ao ‘nós’ e ao ‘mundo’.

2. Mulher na protologia bíblica: capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis

A partir dos textos dos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis, a interpretação bíblica realça a sexualidade humana, homem e mulher, criados em igualdade, sendo chamados a existir reciprocamente em relação um com o outro. Dessa forma, esses dois capítulos são decisivos para o correto sentido da sexualidade humana. Contudo, o relato da criação mostra dimensões do feminino em três aspectos: companheira, esposa e mãe. Esses três termos indicam a alteridade da mulher, ou seja, ser diferente do homem e, portanto, “companheira que não reproduz o masculino em si mesma, mas oferece o alternativo, o distinto. Somos conscientes dos aspectos psicológicos e antropológicos que iluminam o ser mulher em si mesma” (Bucker, 1996, p. 159). Assim, com essas palavras, encontramos o ser mulher em relação, diferente dos outros; de nós – eu e tu em mútua comunhão; da fecundidade, eu e tu, em perspectiva com o mundo marcado pela sexualidade. “Esta linguagem em relação a Deus, na imagem do masculino e do feminino, explicita que tanto a mulher como o homem foram criados à imagem de Deus e, por conseguinte, são igualmente capazes de representá-lo” (Johnson, 1995, p. 75).

¹ STHEIN, Edith. A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça. 1^a ed. Editora Ecclesiae, 2020 p. 88. O que somos e em que nos tornamos não permanece encerrado dentro de si mesmo, antes precisa propagar-se e ter consequências.

Essa predisposição maternal une-se à de companheira, caracterizando um dom e uma felicidade que consistem em “dividir a vida com outra pessoa participando de tudo que lhe diz respeito das menores e das maiores coisas, das alegrias e dos sofrimentos, mas igualmente dos trabalhos e dos problemas” (Stein, 2020, p. 49). Assim, tudo se torna comum e compartilhado.

Vale ressaltar que a interpretação bíblica não é um assunto privado ou apenas para alguns. “A Palavra de Deus é comunicação a um Povo, à Igreja. Por isso, a correta interpretação não separa Escritura de Tradição e Magistério” (Bucker, 1996, p. 151). “A Sagrada Escritura falou por meio de homens e à maneira humana, o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar” (Dei Verbum, p.356-357, n. 12) e cumprir a vontade de Deus através das palavras deles.

A mulher é um outro eu na comum humanidade, é fecunda e essencial, paz e esperança, é uma e indivisível:

No fundamento do desígnio eterno de Deus, a mulher é aquela na qual a ordem do amor no mundo criado das pessoas encontra um terreno para deitar a sua primeira raiz. A ordem do amor pertence à vida íntima do próprio Deus, à vida trinitária. O chamamento da mulher à existência junto ao homem, na unidade dos dois oferece, no mundo visível das criaturas, condições particulares a fim de que o amor de Deus, seja derramado nos corações dos seres criados à sua imagem. [...] A citação da Carta aos Efésios, leva-nos a pensar numa espécie de profetismo particular da mulher na sua feminilidade (João Paulo II, 15/08/1988).

No entanto, ao longo da história, esta perícope quase sempre foi banhada de um conservadorismo androcêntrico, com repetições de cunho machista em que a mulher existe apenas para a reprodução, sendo “além de erro científico, uma ofensa à dignidade feminina. A narração bíblica foi utilizada para fundamentar a inferioridade e a subordinação da mulher em relação ao homem” (Bucker, 1996, p. 150), atribuindo à mulher a função reprodutiva. Contudo, novas hermenêuticas de libertação, o movimento feminista e alguns teólogos sensíveis às lutas pela equidade de gênero inauguram um novo tempo em que estruturas patriarcais podem ser questionadas e revisitadas.

No capítulo 2, versículos de 18-25 do livro de Gênesis, lemos: “Deus fez cair um sono sobre o homem. Em seguida, tirou um dos lados do homem. Depois, do lado que havia tirado do homem Deus formou uma mulher, e a levou para o homem”(Pastoral, 2014, p. 24). Para que o homem não fique sozinho, a mulher é criada por Deus a partir costela do homem e é colocada como um outro “eu” para ser uma com ele. A mulher é chamada à existência e reconhecida pelo homem como “osso dos meus ossos e carne da minha carne” e, por isto, é chamada ‘mulher’, esposa, mãe que concebe os filhos.

Na linguagem bíblica, o termo mulher “indica a identidade essencial com referência ao homem: ‘iš - ‘iššah, o que, em geral, as línguas modernas, infelizmente, não conseguem exprimir. Ela chamar-se-á (‘iššah), porque foi tirada do homem (‘iš)” (João Paulo II, 15/08/1988). Logo, esse pensamento leva à existência da mulher para a reprodução ou para o prazer e benefício do homem. A criação do casal representa o ápice em ambos os relatos da criação. O primeiro ato do Criador foi modelar o homem com o pó da terra e nele imprimir sua imagem. Ambos, homem e mulher, foram criados igualmente à imagem de Deus. Isso denota a simbologia do feminino, da mulher. Desde o momento da criação, no propósito de Deus, a mulher e sua presença já não são a matéria-prima do homem. Este homem, colocado no jardim maravilhoso, em uma posição privilegiada diante das demais criaturas de Deus, ainda assim sente-se só. É somente diante da mulher que ele exclama: “osso do meu osso, carne da minha carne”. Adão ainda não havia experimentado a felicidade; somente ao encontrar a mulher – *Ishá*, tomada de homem – *Ish*, começa a compreender o significado da felicidade, a sensação íntima de complementaridade, o amor celebrado entre duas pessoas. Portanto, Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem e semelhança com o propósito de que resplandeçam a unidade.

3. Deus-Homem nascido de uma mulher: Maria no coração da história salvífica

A história salvífica concretiza-se quando o Filho, Verbo consubstancial do Pai, nasce como homem de uma mulher, conforme consta no livro de Gálatas, capítulo 4, versículo 4: “Ao chegar à plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho, nascido duma mulher” (Pastoral, 2014, p. 1422). O nascimento do Filho de Deus de uma mulher é o ápice do acontecimento, o ponto chave do homem sobre a terra. O Apóstolo Paulo não se refere à “Mãe de Cristo” pelo nome próprio Maria, mas como “mulher”, estabelecendo uma concordância com o “Protoevangelho no Livro do Gênesis” (João Paulo II, 1988, n.2), ou seja, essa mulher está presente no evento salvífico central, “que decide da plenitude dos tempos: esse evento realiza-se nela e por seu meio” (João Paulo II, 1988, n.2). A mulher está no coração do evento salvífico, pois “Maria alcança assim uma tal união com Deus que supera todas as expectativas do espírito humano” (João Paulo II, 1988, n.2).

Maria, a Mãe de Deus, a antiga promessa se realiza na mulher que acreditou nas palavras do anjo e concebeu o Filho de Deus. Ela foi criada para conceber nova vida, defender, educar, amar, ser fonte de esperança e de verdadeira alegria. Sua humildade, obediência e disponibilidade diante do chamado divino inspiram milhões de fiéis em todo o mundo. Maria permitiu que, em sua vida, a experiência de um mistério se realizasse. Ela é invocada pelos fiéis como a Rainha de todas as nações e povos. Seu reinado é servir. Ela se tornou um dom para toda a humanidade, gerando profunda confiança naqueles que a recorrem

para serem guiados pelos caminhos difíceis da vida até o próprio destino definitivo e transcendente. Neste horizonte de serviço prestado com liberdade, reciprocidade e amor, se expressa a verdadeira realeza do ser humano. É possível acolher também, sem consequências desfavoráveis para a mulher, uma certa diversidade de papéis, visto que, no âmbito sacramental, a feminilidade vivida segundo o sublime modelo de Maria é de grande importância.

Por esta razão, “Maria é saudada como membro supereminente e absolutamente singular da Igreja, e como seu protótipo e modelo acabado dela, na fé e na caridade; a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, honrada como a mãe amantíssima, dedicando-lhe afeto de piedade filial” (Lumen Gentium, p. 180-181, n. 53). Assim, a Igreja tem rosto de mulher, tem rosto de Maria, tem rosto de Marias do nosso tempo, que transmitem a fé, educam, catequisam, doam-se, partilham e compartilham amor. Na interseção de diversas facetas, a mulher molda o curso da história deixando um legado duradouro que ecoa através do tempo. Contudo, por mais que a Igreja tenha rosto de mulher, mesmo que elas sejam a maioria, as mulheres, são sub-representadas em todas as estruturas, em todas as instituições, sejam culturais, religiosas ou científicas. A mulher não está presente em posições de liderança em nenhum grupo. Essa realidade persistente lança uma sombra sobre o caminhar juntos, sem diferenças de gênero, destacando a lacuna entre a representação e a realidade. A presença e a voz das mulheres são cruciais para uma sociedade verdadeiramente equitativa e inclusiva. A luta pela igualdade de gênero não é apenas uma batalha por direitos civis, mas também uma busca por justiça.

4. Linguagem e símbolo: masculinidade divina e a humanidade feminina

A linguagem é a mais significativa expressão alegórica da humanidade, refletindo sua diversidade social e cultural. Desde os primórdios da civilização, os seres humanos têm utilizado a linguagem para se comunicar e compreender mutuamente, seja por meio da verbalização, seja através de sinais e símbolos. O símbolo, por sua vez, desempenha um papel crucial, pois possibilita a identificação e o reconhecimento entre os indivíduos. Assim, tanto a linguagem quanto os símbolos constituem elementos fundamentais e expressivos no cotidiano de nossas vidas, revelando a riqueza e a complexidade da experiência humana. “Não obstante as discussões em torno do assunto, a maioria das posições são unâimes na ideia de que nossa linguagem sobre Deus participa do símbolo e da metáfora, até mesmo os conceitos concretos” (Tillich, 1987, p. 274).

Deus comunica-se por meio de homens e de maneiras humanas, utilizando-se de imagens humanas para revelar-se, seja por meio dos profetas, ou seja através do Filho feito homem. Esse modo de expressão é caracterizado por um certo antropomorfismo, que se justifica pelo fato de que o ser humano

é semelhando a Deus, criado à sua imagem e semelhança. A linguagem bíblica é suficientemente precisa para delimitar os contornos dessa semelhança. A Bíblia recorre a metáforas e figuras de linguagem que fazem sentido dentro do contexto humano. Esse antropomorfismo visa facilitar nossa compreensão e conexão com o divino, refletindo nossa própria experiência humana de modo a tornar a comunicação com Deus mais acessível e relacional.

Contudo, a linguagem litúrgica cristã que herdamos sobre Deus evoluiu dentro de uma estrutura que não valoriza a igualdade e a singularidade da mulher, carregando consigo as marcas da parcialidade e de predominância masculina. O cristianismo é marcado por uma teologia elaborada por homens, e a liturgia é comunicada predominantemente por meio de uma linguagem masculina. Referimo-nos a Deus como Pai, Senhor, Ele, ou seja, sempre no gênero masculino. O uso de imagens visivelmente masculinizados da Santíssima Trindade cria diretamente o poder do homem, uma masculinidade divina e, consequentemente, uma paternidade divina, representando um homem celestial que preside céus e terra.

Em seu livro *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*, Ivone Gerbara afirma que o cristianismo tem uma compreensão hierárquica e patriarcal, uma vez que o seu mundo alegórico é dominado pela simbologia masculina. Segundo ela, “comumente se fala dos discípulos, dos apóstolos, dos enviados, como se eles fossem unicamente homens e como se a própria construção da igreja pudesse ter sido realizada sem a ação devotada de milhares de mulheres” (Gerbara, 2000, p. 116).

Os homens, através da autoridade ou outras formas de controle, estabeleceram uma norma universal para a definição da humanidade e a formação de uma linguagem referente a Deus. São eles que dominam púlpitos e altares, aos quais eles são concedidos as ações sacramentais. “Consciente ou inconscientemente, a linguagem em relação a um Deus sexista solapa a igualdade humana da mulher feita à imagem e semelhança divina” (Johnson, 1995, p.38). Desta forma, desestabiliza-se a família, comunidade cristã e a sociedade. Consequentemente, as pessoas são moldadas conforme padrões de dominação e subordinação, desumanizando a mulher sob o pretexto de uma suposta vontade divina em que o Deus-homem predomina.

A representação patriarcal de Deus legitima as estruturas sociais patriarcais dentro da família, da comunidade e da sociedade, sustentando a superioridade masculina e inferioridade da mulher. “A teologia praticada a partir desta perspectiva exerce uma forte crítica sobre a linguagem tradicional em relação a Deus. Ela a considera, do ponto de vista humano, tanto opressora como idólatra do ponto de vista religioso” (Johnson, 1995, p. 38). Além disso, essa visão do homem, que tudo pode, justifica a opressão, a violência e a submissão sofridas pelas mulheres em nome de uma interpretação distorcida

da vontade divina. Na perspectiva feminina, isso torna-se desfavorável à mulher como *imago Dei*. A teologia feminista confronta o fato de que o símbolo trinitário é empregado para perpetuar a subordinação patriarcal da mulher, presente em suas imagens masculinas, civil e/ou eclesiásticas, bem como no modelo hierárquico do relacionamento divino, ou seja, o Pai que tudo cria na força do Filho e no poder do Espírito. “

Embora conheçamos a história de Jesus de Nazaré, sem dúvidas, a crítica volta-se sobre o símbolo e linguagem cristã em relação a Deus serem exclusivamente do gênero masculino. “Esta maneira de falar de Deus significa, se não na teoria explícita, pelo menos efetivamente, no poder subliminar da imaginação, que a masculinidade é um caráter essencial do ser divino” (Johnson, 1995, p. 61).

Mas como desassociar-se da linguagem e simbologia patriarcal dominante que dominam nossos altares e púlpitos e qualificam o homem ao mais elevado grau de poder?

A análise teológica feminista deixa claro que a linguagem exclusiva, literária e patriarcal em relação a Deus representa um duplo efeito negativo. Ela frustra tanto os seres humanos como o mistério divino. Ao estereotipar e em seguida banir a realidade feminina como metáfora apropriada para Deus, esse tipo de linguagem justifica o domínio do homem enquanto denigre a dignidade humana da mulher. Ao mesmo tempo este tipo de linguagem reduz de tal forma o mistério divino a única metáfora reificada do homem dominante, que o próprio símbolo acaba perdendo o seu significado religioso e a capacidade de apontar para a verdade suprema. Numa palavra, ele se transforma num ídolo. Esses dois efeitos são inseparáveis, pois o prejuízo da *imago Dei* na criatura ludibriaria o conhecimento do Criador em cuja imagem ela foi feita. As formas inautênticas de tratar os outros seres humanos se ajustam perfeitamente com as falsificações da ideia de Deus (Johnson, 1995, p. 64).

A mulher, assim como o homem, foi criada à imagem e semelhança de Deus, redimida por Cristo e santificada pelo Espírito Santo. Ao considerarmos a dignidade da mulher à luz das verdades reveladas, somos compelidos a valorizá-la de maneira incomparavelmente superior. Estamos nos referindo, de fato, à mulher redimida por Cristo, que, pela graça, se tornaram filhas e amigas de Deus, e herdeiras da glória eterna. Portanto, nós, mulheres, possuímos dignidade inerente à vida humana que pertence a cada ser humano. “Nas tradições bíblicas como extrabíblicas, os símbolos femininos não expressam uma dimensão feminina do divino, mas o poder e a benevolência divina apresentados sob a imagem feminina (Viero, 2005, p. 156).

No entanto, a história da mulher na Igreja e na sociedade em geral é um mosaico em construção, pois ainda hoje almeja reconhecimento no conjunto da sociedade. As mulheres possuem sua maneira de escutar e entender, imploram por paz, amor e compreensão. Mesmo em suas imperfeições e tristezas, agradecem, amam e louvam com fervor. Esse é um ato extremo de libertação, um processo permanente

para torná-las cada vez mais sábias e visíveis perante a sociedade machista, misógina, sexista e patriarcal. Portanto, é preciso “transformar estruturas senhoriais de dominação a fim de eliminar a exploração e a marginalização de todas as mulheres” (Fiorenza, 1996, p. 282), pois a liberdade feminina não pode ser plenamente alcançada enquanto perdurarem a dominação e a submissão. A verdadeira emancipação das mulheres demanda a superação de barreiras em diversos âmbitos, incluindo o econômico, o político e o cultural. Somente através da eliminação dessas condições opressivas é que as mulheres poderão exercer suas liberdades de maneira íntegra e plena.

Portanto, a experiência feminina, quando alinhada à crítica dos elementos presentes nas Sagradas Escrituras e na Tradição, pode incorporar um novo olhar, verdadeiramente libertador sobre Deus. A perspectiva das mulheres oferece uma interpretação enriquecida que desafia e amplia a compreensão teológica tradicional. Essa abordagem crítica permite que elementos muitas vezes marginalizados ou negligenciados nas narrativas sagradas sejam resgatados e valorizados, proporcionando uma visão mais inclusiva e pluralista da divindade.

A experiência feminina, com suas nuances e particularidades, lança luz sobre aspectos da fé e da espiritualidade que podem passar despercebidos em leituras convencionais. Ao questionar e reinterpretar os textos sagrados e as práticas religiosas, por meio do prisma das vivências femininas, é possível revelar dimensões de Deus que enfatizam a compaixão, a justiça e a igualdade. Por fim, essa nova compreensão de Deus, informada pela experiência feminina, não só enriquece a teologia, mas também promove uma prática religiosa mais equitativa e inclusiva. Ao reconhecer e integrar essas vozes, a comunidade de fé pode avançar para uma espiritualidade que verdadeiramente acolhe e celebra a diversidade de suas integrantes.

Portanto, a experiência feminina, alinhada à crítica dos elementos encontrados nas Sagradas Escrituras e na Tradição, pode incorporar um novo olhar, deveras libertador sobre Deus, uma vez que “o mistério de Deus transcende a todas as imagens que usamos para representá-lo. Por isso, é necessário romper a fixação histórica que tende a identificar Deus pessoal com imagens masculinas, introduzindo a realidade total da mulher na simbolização de Deus” (Johnson, 1995, p. 92).

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o símbolo e a linguagem masculinizada presentes na doutrina Trinitária. Para responder a essa problemática, foram apresentados alguns dos elementos presentes em textos sagrados que possuem uma linguagem predominantemente patriarcal e hierárquica.

A história tem sido moldada por narrativas dominadas por vozes masculinas. O cristianismo patriarcal conferiu aos homens a exclusividade do poder e da autoridade, relegando a experiência e a perspectiva feminina a segundo plano. É necessário revisitá-la história do cristianismo, especialmente do catolicismo, reconhecendo o labor feminino manifestado por meio da criatividade, fecundidade e diaconia.

Durante a audiência com os membros da Comissão Teológica Internacional, em 31 de novembro de 2023, o Papa Francisco disse que “um dos grandes pecados que cometemos foi masculinizar a Igreja”. Portanto, é imperativo que as estruturas e instituições abram-se para a diversidade e garantam a participação plena e igualitária das mulheres em todos os níveis de decisão na sociedade. Logo, é preciso “uma nova partilha de tarefas, um novo sistema de divisão do trabalho, uma participação mais equitativa nas grandes decisões políticas, um equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes ambientes e setores da vida humana” (Gerbara, 1987, p. 154). Além disso, questões de gênero não devem ser fator determinante na reunião em torno da mesa da Palavra, conforme consta em Gálatas 3,28: “Não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só” (Pastoral, 2014, p. 1422).

De forma crítica, muitas mulheres passaram a desafiar os poderes masculinos. Teólogas feministas e mulheres de diversas áreas seguem argumentando e fundamentando suas posições. A organização das mulheres tem sido constante nos meios sociais, elas deixaram de ser meras espectadoras para serem o centro da história, participantes ativas. Assim, o feminismo ressurge no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 60 e busca romper conceitos de hierarquia e, sobretudo, promover uma reorganização da sociedade como um todo. Desta forma, rompem-se divisões discriminatórias e machistas que subjugavam a mulher.

Com efeito, as mulheres perceberam sua influência e presença, e que não deveriam deixar suas vozes na obscuridade. Resilientes na fé e na esperança, as mulheres conseguem resistir à constante transformação e transcendem as fronteiras do tempo, culturais e ideológicas. Com coragem, a mulher impulsiona a resistência e tece sua história sem perder a essência de sua identidade, uma vez que são essenciais para construir uma sociedade mais justa e harmoniosa. Dessa forma, o reconhecimento e a valorização das contribuições femininas se tornam elementos centrais na promoção de uma convivência mais equilibrada e respeitosa entre homens e mulheres.

A Igreja, enquanto instituição e comunidade de fé, se abra a novas interpretações e práticas que valorizem verdadeiramente a mulher reconhecendo sua igualdade e seu direito de expressar-se de forma significativa. A transformação dessa simbologia e linguagem não é apenas uma questão de justiça social, mas também de fidelidade ao Evangelho, que proclama a dignidade e igualdade de todas as pessoas.

Os resultados desta pesquisa indicam que, até os dias de hoje, as mulheres permanecem fiéis reprodutoras de uma religião de cunho patriarcal, onde o sexo masculino exerce o poder. No entanto, a função de procriar e a amabilidade das mulheres não esgotam suas capacidades e potencialidades. A contribuição feminina vai além de papéis tradicionais, abrangendo uma ampla gama de competências que enriquecem a vida e a espiritualidade comunitária. Portanto, precisamos urgentemente de mudança de referências simbólicas em nossa cultura. Para isso, é necessário alterar hábitos, costumes e representações, visando a um posicionamento mais justo e respeitoso das diferenças.

Diante disso, é imperativo que a Igreja se coloque à escuta, acolhendo as vozes que ecoam, especialmente as vozes femininas, que há muito tempo têm sido silenciadas ou marginalizadas. É necessário abrir espaço para o diálogo fraternal, promovendo uma cultura de respeito e igualdade, onde as contribuições das mulheres sejam plenamente reconhecidas e valorizadas. Além disso, a Igreja deve agir de maneira decisiva e apropriada contra os abusos de vários graus cometidos contra as mulheres, demonstrando um compromisso genuíno com justiça e dignidade humana.

Por fim, conclui-se que a promoção da igualdade de gênero dentro da Igreja não é apenas uma questão de justiça social, mas uma necessidade intrínseca para a plena realização da comunidade de fé. A inclusão efetiva das mulheres, em todos os níveis de liderança e decisão, trará uma riqueza de perspectivas e experiências que, sem dúvida, contribuirão para um entendimento mais profundo. É através dessa inclusão e reconhecimento que se poderá construir uma Igreja verdadeiramente inclusiva e equitativa, refletindo a imagem de Deus em toda a sua plenitude.

Referências

- BUCKER, Bárbara P. **O feminino da Igreja e o conflito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- FIORENZA, Elizabeth S. Rumo ao Discipulado de Iguais: Ekklesia de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, RS, 36(3): 281-296, 1996.
- FRANCISCO, Papa. **A Igreja é mulher devemos desmasculinizá-la**. 30 de nov. de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-audiencia-comissao-teologica-internacional-30-11-2023.html>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- GÁLATAS. In: *BÍBLIA*. Português. Bíblia Pastoral. Tradução ecumênica. São Paulo: Paulus, 2014. Cap. 3 e 4, p. 1421-1422.
- GEBARA, Ivone. (1987). Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. **Estudos Teológicos** 27, 153-161, São Leopoldo, 1987.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GÊNESIS. In: *BÍBLIA*. Português. Bíblia Pastoral. Tradução ecumênica. São Paulo: Paulus, 2014. Cap. 1;2;3, p. 23-25.

JOÃO PAULO II. Papa. **Mulieris Dignitatem**. Carta Apostólica sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano Mariano. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html. Acesso em: 28 jan. 2025.

JOHNSON, Elizabeth. **Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino**. Trad. Attílio Brumetta. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PAULO VI, Papa. **Dei Verbum**. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II).

PAULO VI, Papa. **Lumen Gentium**. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II).

STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Campinas: Ecclesiae, 2020.

VIERO, Gloria Josefina. O símbolo feminino de Deus na Teologia Feminista. In: **Inculturação da Fé no Contexto do Feminismo**. 2005. 205 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia. Rio de Janeiro, 2005.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

WÉNIN, André. O feminino no Gênesis a partir de Gn 2,18-25. **Cadernos de Teologia Pública**. Ano XI - n. 87- volume 11- 2014.